**Resumo: Cooperation and human cognition**

O texto de Moll e Tomasello busca mostrar que a evolução da cognição se deu de forma competitiva no grupo dos primatas, mas seguiu de forma cooperativa em humanos. Esse debate surge das duas teorias para a evolução da inteligência apresentadas no ensaio. Primeiro o texto apresenta a teoria de Humprey que dizia que a cognição evoluiu a partir da competição entre indivíduos, semelhante à teoria da inteligência maquiavélica e ‘política primata’. E, segundo, contrasta com a teoria de Vygotsky que focou no aspecto cooperativo e cultural da socialidade. Segundo, o texto as duas teorias seriam complementares para a história da evolução cognitiva.

Para demonstrar isso, os autores citam uma série de experimentos que tiveram como resultado baixa performances em tarefas cognitivas com chimpanzés, mas performances altas com infantes humanos entre um ano e dois. Porém, ao se testar capacidades de entender as intenções ou compreender o que o outro sabe ou não sabe, chimpanzés obtinham bons resultados se o contexto testado fosse competitivo. Alguns dos experimentos foram: escolha através do olhar ou gesto do outro, inversão de papéis em tarefas cooperativa, ajuda, jogos sociais e comunicação cooperativa.

O texto argumenta então que por não haver contextos cooperativos na vida social natural de um chimpanzé, eles não seriam capazes de supor que um co-específico teria interesse de lhes ajudar. Enquanto em infantes humanos, a intensão é muito clara e inclusive existe uma motivação para que o infante ajude um adulto caso necessário. Explorando mais as condições para a resposta dos infantes, experimentos mostraram que é necessário haver uma atenção conjunta para que infantes entendam o contexto dos gestos e pedidos de um adulto, também para que entendam o que ele sabe ou não numa determinada situação. A atenção conjunta permite que se entenda a perspectiva do outro que é similar a sua pelo contexto, mas ainda assim diferente. Essa percepção e a motivação para tarefas cooperativas, juntamente com a tendência a seguir regras sociais a partir de certa idade torna o infante um participante da sua comunidade cultural.

A história evolutiva do ser humano seria, portanto, a seguinte: primeiro, humanos foram selecionados para serem menos agressivos, eliminando aqueles que não fossem; daí em diante haveria uma pressão seletiva para uma cognição mais adaptada à cooperação; e então a evolução cultural poderia ganhar espaço com auxílio de mecanismos de aprendizado como a imitação.

**Questões: Meet the Alloparents**

**Anotação 1:** “*Alloparental care and provisioning set the stage for children to grow up slowly and remain dependent on others for many years, paving the way for the evolution of anatomically modern people with even bigger brains. It was not the other way around: bigger brains required care more than caring required big brains*.”

Este trecho ressalta muito bem que não é necessária uma grande capacidade cognitiva para o cuidado extenso da prole e o cuidado aloparental, mas que a necessidade da maturação lenta e demorada do ser humano, em especial a maturidade cognitiva, faz necessário esse tipo de cuidado.

**Questão 1:** Será que ao ter filhotes com desenvolvimento longo, a espécie tende à dispersão de machos e não de fêmeas? Poderíamos procurar uma correlação entre desenvolvimento lento e permanência de fêmeas num grupo com seu grupo familiar?

**Questão 2:** A prática para aprender a cuidar de um filhote pode ser testada como motivação ou como função? E de que maneira? Em humanos deve ser mais simples, mas outras espécies com cuidado parental que têm fêmeas imaturas realizando esse cuidado poderiam ser testadas?

**Anotação 2**: No cuidado parental forçado, fêmeas não-reprodutivas cuidam do filhote de fêmeas alfas para permanecerem no grupo. Evolutivamente isso poderia ter ocorrido da seguinte forma: fêmeas de menor status tinham filhotes, filhotes são mortos pela alfa, as outras fêmeas têm vantagem em ajudar para serem toleradas e esperar o seu momento oportuno para reprodução. Se for assim, nas espécies citadas pela autora, deve existir um momento em que as fêmeas podem mudar de posição social e se reproduzir, caso a alfa morra ou o grupo se divida.

**Anotação 3**: Apesar de incrivelmente interessante a condição de cuidado descrita para micos é um pouco incomodo que todos os trabalhos citados são assinados por estrangeiros, sendo que a espécie é brasileira.

**Anotação 4**: Apesar de fazer sentindo, usar o modelo de caçadores-coletores atuais como um reflexo do nosso passado é um pouco questionável. Não é como se essas populações tivessem necessariamente permanecido imutáveis ao longo de milhares de anos desde a evolução da espécie humana. Entretanto entendo que seja a melhor comparação possível talvez.